

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CASA  
13 e 19 de maio de 2026

**HARD TRUTHS / 2024**  
(Verdades Difíceis)

*Um filme de Mike Leigh*

*Realização, Argumento:* Mike Leigh / *Produção:* Georgina Lowe / *Coprodução:* Laura Fernández Espeso, Henry Woolley / *Produção Executiva:* Daniel Battsek, Gail Egan, Jennifer Eriksson, Mark Gooder, Andrew Karpen, Richard Kondal, Ollie Madden, Javier Méndez, Javier Pons, Kent Sanderson, Alison Thompson / *Direção de Fotografia:* Dick Pope / *Montagem:* Tanie Reddin / *Música:* Gary Yershon / *Direção de Casting:* Nina Gold / *Design de Produção:* Suzie Davies / *Direção Artística:* Elena Real-Davies / *Guarda-roupa:* Jacqueline Durran / *Interpretações:* Marianne Jean-Baptiste (Pansy), Michele Austin (Chantelle), David Webber (Curtley), Tuwaine Barrett (Moses), Ani Nelson (Kayla), Sophia Brown (Aleisha), Jonathan Livingstone (Virgil), Jo Martin (Nurse Salon Client), Llewella Gideon (Smoking Salon Client), Diana Yekinini (Hairdresser) / *Cópia:* DCP, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / *Duração:* 97 minutos / *Estreia Mundial:* 6 de setembro de 2024, Toronto International Film Festival / *Estreia Nacional:* 17 de julho de 2025 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

\*\*\*

*Oh, stress, stress, stress.*

Parece que a força de cada cena de **Hard Truths** resulta de um esforço em existir *maior do que a vida*. Estamos com a protagonista e dentro dela, sequestrados por um estado de guerra com o mundo tão difícil de compreender quanto mais-do-que-natural de assimilar. Este filme bem “duro” (Leigh costuma dar o título aos seus filmes mesmo no último instante e este é justo e certo como uma seta) advém de um destilamento da escrita cinematográfica do realizador de **Naked** (1993) e **Secrets & Lies** (1996). É com estes dois filmes, obras marcantes dos idos anos 90, que **Hard Truths** estabelece o diálogo mais profícuo: a protagonista, interpretada por Marianne Jean-Baptiste, é como que uma versão sombria da jovial, quase, digamos assim, “happy-go-lucky”, Hortense nesse filme que valeu ao realizador a Palma de Ouro no já distante ano de 1996. Uma personagem negra à procura da sua mãe biológica, branca, ou, pondo em termos mais marxistas, uma bem sucedida optometrista tentando localizar a sua progenitora, uma operária a viver num bairro pobre de Londres.

Com **Naked**, o diálogo gera-se de um outro modo, de maneira significativamente mais direta e física. Porque Pansy é como essa presença disruptiva que desestabiliza o mundo das pessoas à sua volta com a força e a fúria épica de um furacão. E é de uma ferocidade destemida, metralhando ideias (algumas “feitas”, quase todas mesmo muito “feias”) acerca dos tempos em que vivemos. **Hard Truths** é sobre uma sociedade em processo de implosão, consumida pela intolerância ao outro, quer dizer, a uma “ideia de outro” contaminada pela histeria mediática vigente que nos atinge e aprisiona – Pansy exterioriza estes múltiplos estados de ansiedade “sem freio”. O processo de “desfiguração” de Marianne Jean-Baptiste, fazendo do impossível possível, quer dizer, ligando a empatia máxima de Hortense à profundamente anti(-em)pática Pansy, é tão

nuclear na construção deste filme quanto o fora a composição de David Thewlis em **Naked**. **Hard Truths** nasce, como que num redemoinho, deste corpo em choque com o mundo, fazendo de um estado de guerra psicológica motivo que não (nos) dá descanso e bandeira (social ou política) de toda a hipocrisia que a mascara mal, muito mal, “por fora”, entre iguais, na malha da sociedade.

Em Mike Leigh, realizador que muita crítica se apressa a “despachar” com o termo “realista”, no centro estão sempre os atores, um método de criação de personagens em profundo diálogo com as bases da sociedade inglesa. No entanto, **Hard Truths** – aí mais como **Naked** do que como qualquer outro filme de Leigh – é uma “placa de Petri” de uma sociedade global que desconfinou mal após a pandemia da covid-19 – as referências às fixações higiénicas da protagonista aludem muito obviamente àquilo que persiste em tanta gente espalhada pelo mundo, depois desses anos de alta tensão e ansiedade (verdadeiro trauma coletivo) por que todos passámos. O inferno são os outros? Sim, e são também a possível origem de uma próxima pandemia capaz de obliterar por completo esta nossa desgraçada “família do Homem”.

Disse Mike Leigh em entrevista concedida ao jornal *Público*: “Penso nas relações, nas tensões, na sociedade. Na comédia e na tragédia.” A esta ideia podemos associar o facto de Thierry Frémaux ter alegadamente recusado selecionar o filme para o Festival de Cannes por este ser demasiado sombrio. Contudo, rimo-nos tensamente de muita coisa que se passa no filme, e nele opera uma forma de construção narrativa semelhante à dos *sketchs* cómicos, quadros do contemporâneo que se sucedem e “implodem” por força da presença de Pansy (daí não ser nada descabida a comparação com o [anti-]herói de **Naked**). E se vários destes quadros decorrem no espaço público, muitos ou a maioria deles tem lugar no “palco doméstico”, nomeadamente na casa onde vive – ou tenta sobreviver, num *statu quo* à beira de explodir... – Pansy e a sua família, composta pelo filho e marido, que preferem o silêncio e um depressivo conformismo a uma forma de (re)ação contra os acessos de ira da mãe/mulher, e no apartamento onde habita a irmã de Pansy com as suas duas filhas, subecossistema familiar onde Leigh não deixa de produzir uma reflexão interessante sobre como a felicidade também opera ao nível de um regime tomado, qual epidemia, pelo cinismo (veja-se a maneira como se mascaram alguns dos insucessos profissionais entre as irmãs “happy-go-lucky”).

O lado implacável de Pansy serve bem para ilustrar a implacabilidade do próprio Leigh, porque porventura a primeira tentativa será a de vermos a protagonista como “a inimiga”, só que quanto mais o filme permanece com ela e se gera a partir dela, num movimento centrífugo, revendo criticamente cada aspeto da nossa sociedade, mais nos sentimos *despidos* nas nossas próprias ansiedades e desconfianças. Por outras palavras, quanto mais refletimos sobre “a guerra” de Pansy, mais nos podemos expor a nós mesmos como “existências moles”. O grande plano final do rosto (impressionante) do marido (interpretação de David Webber) ilustra bem o estado de vulnerabilidade para o qual toda esta família de personagens se vê arrastada. Ela e nós.

Luís Mendonça